



III Congresso de Direitos Humanos da FSG

<http://fsg.br/congressodedireitoshumanos>



## IMPACTO DAS CONDIÇÕES SANITÁRIAS NO DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS

Júlia Bleil<sup>a</sup>, Queli Defaveri Varela Cabanellos<sup>b</sup>

- a) Graduando(a) do Curso de Farmácia - Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG).  
b) Docente do Curso de Farmácia - Centro Universitário da Serra Gaúcha (FSG).

<b>Informações de Submissão</b>  a) Júlia Bleil, endereço: Rua Guerino Borelli, 5071 - Caxias do Sul – RS. CEP: 95125-000.	<b>Palavras-chave:</b>  Saneamento. Doenças parasitárias. Populações vulneráveis. Insalubridade ambiental.
--	--

**INTRODUÇÃO:** Os processos de sanitização e implantação de políticas públicas de saúde no Brasil são datados do início do século XX, com a chegada da teoria microbiológica o conceito de que tanto saúde quanto a doença eram o resultado de um meio social e/ou natural nocivo. Tal compreensão evidencia a importância do saneamento do ambiente e o isolamento daqueles que portassem algum patógeno contagioso que impediria que vetores biológicos adoecessem os indivíduos sadios.(1) A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera o saneamento como o conjunto de ações sociais e econômicas que visam a salubridade do meio que o ser humano habita.(2) Entretanto, analisando a epidemiologia se torna claro como a organização da sociedade segue influenciando diretamente na saúde e no bem-estar dos indivíduos.(3) Assim, o objetivo do presente estudo foi verificar a associação entre as condições sanitárias e o desenvolvimento de doenças, bem como o acesso à saúde e demais desigualdades socioeconômicas, levando em consideração dados epidemiológicos por meio de uma revisão da literatura.

**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:** Guimarães et. al. (2007) descreve salubridade ambiental como o estado de saúde normal em que vive a população seja ela urbana ou rural, tanto no que se refere a sua capacidade de inibir, prevenir ou impedir a ocorrência de endemias ou epidemias veiculadas pelo meio ambiente, bem como promover o aperfeiçoamento de condições ambientais a saúde e bem-estar.(2) Contudo, um relatório da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) de 2019 relata que 15,5 milhões de pessoas na América Latina e no Caribe seguem sem acesso ao saneamento básico incluindo a falta de sistema de esgoto, o que favorece a disseminação de doenças e poluição da água. Dados de 2017 relatam que 74,3% da população latina tem acesso a

---

saneamento seguro e água potável, significando que 82,7 milhões de pessoas não têm acesso ao saneamento básico e destes, 15,5 milhões (18,8%) continuam sem acesso a um sistema de esgoto, população de baixa renda, grupos em situação de vulnerabilidade, populações rurais e povos indígenas são os mais afetados pelo saneamento deficiente. O Brasil está incluso na estatística juntamente da Bolívia, Colômbia, Haiti, México, Peru e Venezuela. (4) Ainda que diversas doenças infecciosas tradicionais já tenham sido total ou parcialmente controladas, o sarampo, a malária, a cólera, o dengue, a doença de Chagas, as infecções de transmissão sexual e a tuberculose, entre outras, voltaram a ter sua importância como causa de morbidade e mortalidade no nível global. Na América Latina, as doenças transmissíveis mantêm sua importância, enquanto as não transmissíveis, as lesões e as toxicomanias tiveram uma maior relevância como causas de morbidade e mortalidade.(5) De forma global, em 2017 um relatório feito pela OMS forneceu dados quanto as principais causas de mortes em crianças atribuídas ao meio ambiente anualmente, 361 mil crianças com menos de 5 anos morrem por diarreia, 270 mil crianças morrem durante seu primeiro mês de vida, o que poderia ser evitado por meio do acesso à água potável, saneamento e higiene, 200 mil mortes de crianças com menos de 5 anos por malária poderiam ser evitadas por meio de ações ambientais. (6,7) Além disso, estima-se que o saneamento inadequado cause 432.000 mortes diarreicas anualmente e é um fator importante em várias doenças tropicais negligenciadas, como verminoses intestinais, esquistossomose e tracoma, também contribuindo para a desnutrição. (8) Analisando esse perfil epidemiológico é evidente a vulnerabilidade frente as mudanças naturais, sociais e biológicas, exigindo o fortalecimento das redes nacionais e internacionais de vigilância em saúde pública. (5)

**MATERIAL E MÉTODOS:** O presente estudo foi realizado a partir da busca em bases de dados, como Scielo e NCBI, e literárias, bem como a utilização de relatórios epidemiológicos disponibilizados por entidades como a OMS e OPAS. As buscas ocorreram por meio dos termos saneamento, doenças parasitárias, meio ambiente e parasitoses e epidemiologia doenças infecciosas. Foram utilizados dados publicados a partir do ano 1990 a 2020. A pesquisa ocorreu no período do mês de julho do ano de 2020. **CONCLUSÃO:** Ainda são falhas as medidas ambientais e sociais tomadas por entidades a frente da população, carecendo do apoio dos líderes de países que convivem com doenças associadas à falta de condições ambientais que assegurem o bem-estar da população. É urgente a revisão de políticas públicas de saúde e medidas que visem a salubridade de regiões povoadas por populações vulneráveis.

---

---

**REFERÊNCIAS**

1. MERHY, E. E., QUEIROZ, M. S. Saúde Pública, Rede Básica e o Sistema de Saúde Brasileiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v.9, n.2, p.177-184, 1993.
2. GUIMARÃES, A. J. A., CARVALHO, D. F., SILVA, L. D. B. **Saneamento básico**. 2007. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/institutos/it/deng/leonardo/downloads/APOSTILA/Apostila%20IT%20179/Cap%201.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2020.
3. RAMOS, F. L. P., HORA, A. L., SOUZA, C. T. V., PEREIRA, L. O., HORA, D. L. As contribuições da epidemiologia social para a pesquisa clínica em doenças infecciosas. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v.7, n.esp, p.221-229, 2016.
4. Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). **Saneamento**. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6063:quase-16-milhoes-de-pessoas-ainda-defecam-ao-ar-livre-na-america-latina-e-no-caribe&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6063:quase-16-milhoes-de-pessoas-ainda-defecam-ao-ar-livre-na-america-latina-e-no-caribe&Itemid=839)>. Acesso em: 9jul.2020.
5. Organização Pan-Americana da Saúde. Módulos de Princípios de Epidemiologia para o Controle de Enfermidades. **Módulo 2: Saúde e doença na população / Organização Pan-Americana da Saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Ministério da Saúde, 2010.
6. World Health Organization (WHO). **Don't pollute my future! The impact of the environment on children's health**. Geneva: World Health Organization; 2017. Disponível em: <<https://www.who.int/ceh/publications/don-t-pollute-my-future/en/>>. Acesso em: 14jul. 2020.
7. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Poluição do ambiente tira vida de 1,7 milhão de crianças por ano, afirma OMS**. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5362:poluicao-do-ambiente-tira-vida-de-1-7-milhao-de-criancas-por-ano-afirma-oms&Itemid=839](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5362:poluicao-do-ambiente-tira-vida-de-1-7-milhao-de-criancas-por-ano-afirma-oms&Itemid=839)>. Acesso em: 14jul. 2020.
8. World Health Organization (WHO). **Saneamento**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/sanitation>>. Acesso em: 14jul. 2020.